

PAULA FERNANDA BACK

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA CAPOEIRA, ANALISADAS A PARTIR DO JOGO

Monografia apresentada à disciplina de Seminário de Monografia, Curso de Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

2005

PAULA FERNANDA BACK

MANIFESTACÓES CULTURAIS DA CAPOEIRA, ANALISADAS A PARTIR DO JOGO

Monografia apresentada à disciplina de Seminário de Monografia, Curso de Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Professor: Iverson Ladewig

Orientador Prof. Ricardo Sonoda

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO À MINHA FAMÍLIA, QUE ME APOIOU E POSSIBILITOU QUE EU ESTUDASSE; Á MAIARA, MINHA FILHA QUERIDA, QUE FAZ COM QUE AS COISAS HOJE TENHAM SENTIDO PARA MIM E AO MEU ORIENTADOR, RICARDO, QUE TEVE PACIÊNCIA E ACREDITOU NO MEU TRABALHO.

SUMARIO

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	iv
I.INTRODUÇÃO.....	1
1.1 PROBLEMA.....	2
1.2 METODOLOGIA	3
1.3 JUSTIFICATIVA.....	4
1.4 OBJETIVOS.....	6
II. REVISÃO DE LITERATURA	7
2.0 HISTÓRICO DA CAPOEIRA.....	7
2.1 INDÚSTRIA CULTURAL	20
2.2 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E INDÚSTRIA CULTURAL.....	21
3.0 CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS	29

Resumo

Manifestações Culturais da Capoeira, analisadas a partir do Jogo

A capoeira é uma rica manifestação artística da cultura afro-brasileira, que apresenta características peculiares, pois é uma mistura de luta-jogo-dança, realizada ao som de instrumentos musicais (berimbau, pandeiro, atabaque) e cânticos. Dentro do desenvolvimento histórico da capoeira, ela passou por uma série de transformações a partir de alguns períodos historicamente determinados na nossa sociedade. Neste trabalho, foi realizada uma pesquisa histórica, com foco de análise sociológica. Foram analisadas as transformações ocorridas no jogo da capoeira, em relação aos seus aspectos culturais e também a influência da indústria cultural da atualidade nesse processo de modificação. Dentro dessa análise pode-se supor que a capoeira vem sofrendo modificações em seus traços originais, tornando-se mais objetiva e técnica. A malícia, o caráter de brincadeira, a teatralidade, a questão ritualística, entre outros, são elementos que fazem com que a capoeira seja uma rica expressão artística da cultura afro-brasileira. Esses elementos estão se modificando cada vez mais, resultando numa esportivização da capoeira, o que a afasta de suas características tão importantes. O fato de ela estar inserida na indústria cultural da atualidade, que tende a produzir uma cultura de massas, submetida ao império do consumo, faz com que seja tratada como um “produto” altamente rentável a ser comercializado. Daí a importância de se preservar a tradição da capoeira, com todos os seus rituais, para que ela não vire mais um instrumento de manobra sob o comando dessa indústria do consumo.

Palavras-chave: capoeira, manifestações culturais e indústria cultural.

I.INTRODUÇÃO

A capoeira é uma rica manifestação artística da cultura afro-brasileira, que apresenta características muito peculiares, é praticada ao som de instrumentos musicais e adquire uma mistura de luta, jogo, dança e brincadeira.

Este trabalho analisará a capoeira, em relação aos seus aspectos culturais, mais especificamente relacionados as questões do jogo, com todas as características que o comportam.

Será observado o seu trajeto histórico, com ênfase em alguns períodos que foram determinantes para a sua história.

Outra questão que será abordada será a influência da indústria cultural na atualidade.

1.1 PROBLEMA

Dentro do desenvolvimento histórico da capoeira, ela passou por uma série de transformações a partir de alguns períodos historicamente determinados na nossa sociedade.

Teve seu início no processo escravocrata brasileiro, no séc XVIII, passando posteriormente por uma época de marginalização, com sua proibição em 1890 até a década de 30 quando iniciou um processo de regulamentação e “aceitação” pela sociedade.

A partir da década de 70, a capoeira sofre uma nova transformação, partindo de sua regulamentação para uma atividade com fortes indícios no processo de esportivização e que na atualidade está fortemente atrelada aos preceitos capitalistas.

Dentre as diversas transformações ocorridas ao longo desses 400 anos, vamos evidenciar neste trabalho apenas as que se referem ao aspecto cultural.

Na intenção de delimitar nossa problemática a partir do universo cultural será destacado nesses períodos históricos acima descritos algumas características relacionadas ao jogo de capoeira, que nos levarão a refletir por quais motivos tais modificações culturais ocorreram, como, por exemplo, a influência da indústria cultural na atualidade, sendo essa a problemática em questão.

1.2 METODOLOGIA

Neste trabalho, será feita uma pesquisa histórica, com foco de análise sociológica. Após descrever o desenvolvimento histórico pelo qual a capoeira passou, serão assinalados alguns momentos dessa trajetória, que indicam determinados aspectos culturais pertencentes ao jogo da capoeira que foram se modificando. A causa dessas modificações serão discutidas.

Preocupada também com a indústria cultural da atualidade, que, moldada no regime capitalista, nos injeta essa cultura contemporânea, com sua massificação, onde o único objetivo é ganhar dinheiro através da indução do consumismo, vejo a relevância de discutir os caminhos que a capoeira da atualidade tomou em face dessa indústria cultural.

Como questão metodológica, serão utilizadas as contribuições dos estudiosos da escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer no que se refere à indústria cultural, pois acredito nessa tendência de massificação que a capoeira está sofrendo, e esses autores contemplam essa linha de pensamento, a da cultura de massas.

Em relação a parte histórica da capoeira, serão usados os principais autores relacionados ao assunto.

1.3 JUSTIFICATIVA

Conforme descrito na problemática, será feita uma análise do aspecto cultural a partir de 4 grandes períodos da história da capoeira.

O primeiro período, cujos registros mais antigos datam do séc. XVII, é o da época da escravatura no Brasil, onde a capoeira era praticada pelos escravos, como uma das estratégias de resistência física e cultural à escravidão.

O segundo período vai de 1890 a meados da década de 30, nessa fase, a capoeira foi proibida por lei e seus praticantes, na maioria, negros, eram duramente perseguidos e castigados.

A partir da década de 30, inicia-se uma nova fase na história da capoeira, liberada por lei, através da figura do presidente Getúlio Vargas, ela começa a sair de seu ambiente característico (as ruas) e passa a ganhar espaço nas academias, onde começa a acontecer uma sistematização do seu ensino, que antes era ensinado de uma maneira informal. A principal figura responsável por esse processo foi Mestre Bimba, um capoeirista renomado, que faz algumas modificações no jogo da capoeira e a chama de luta regional baiana, incorporando elementos de outras lutas, com isso, a capoeira passou a ser aceita pela sociedade, com uma quantidade grande de intelectuais e pessoas da alta sociedade a praticando.

A última fase, que pode-se assim chamar, vai da década de 70, até os dias atuais. Em 1972, com o objetivo de institucionalizar o ensino, a aprendizagem e a prática da capoeira, ela foi regulamentada na confederação brasileira de pugilismo, como uma modalidade esportiva do ramo pugilístico, embora tenha sido desvinculada dessa confederação em 1992, fica claro o início do processo de esportivização da capoeira, com a alteração de muitos elementos que a caracterizam como uma importante manifestação cultural da nossa história.

Nesse breve relato da trajetória da capoeira ao longo dos anos, verifica-se as profundas alterações de ordem cultural a que ela foi submetida, considerando a importância que a cultura tem para a nossa vida, pois ela é a essência do ser humano, justifica-se a necessidade de preservação dessa arte tão rica que é a capoeira.

Preocupada também com a indústria cultural da atualidade, que, moldada no regime capitalista, nos injeta essa cultura contemporânea, com sua massificação, onde o único objetivo é ganhar dinheiro através da indução do consumismo, vejo a relevância de discutir os caminhos que a capoeira tomou, bem como os aspectos culturais relacionados à sua prática, que estão sofrendo um processo de modificação.

1.4 OBJETIVOS

- Analisar as transformações ocorridas no jogo da capoeira, em relação aos seus aspectos culturais.
- Analisar a influência da indústria cultural da atualidade nesse processo de modificação do jogo da capoeira

II. Revisão de Literatura

2.0 HISTÓRICO DA CAPOEIRA

Neste capítulo será percorrido o trajeto histórico da capoeira, desde seu surgimento até os dias atuais.

Existe uma polêmica em relação ao local de origem da capoeira, alguns historiadores acreditam que ela surgiu no Brasil, outros afirmam ser a capoeira originária na África.

Segundo Rego (1968);

(,,,) devemos levar em conta que os primeiros negros trazidos para o Brasil foram de Angola, dos portos de Luanda e Benguela (portanto negros Bantos). Tomando como base poucos e raros documentos conhecidos e citados por historiadores e africanos ; mesmo observando as cantigas, golpes e toques da capoeira falarem em Angola, Benguela, Luanda em termos de língua africana, não se sente seguro em afirmar que a capoeira veio de Angola (,,,) tudo leva a crer que seja uma invenção dos africanos no Brasil (REGO, 1968, p. 115).

MOURA (1980), cita um relato que Albano de Neves e Souza de Luanda mandou para Câmara Cascudo que diz:

...entre os Mucope do sul de Angola, há uma dança da zebra n'golo, que ocorre durante a efundula, festa da puberdade das raparigas, quando estas deixam de ser muficuemas, meninas, e passam a condição de mulheres, aptas ao casamento e a procriação. O rapaz vencedor do n'golo tem o direito de escolher entre as novas iniciadas e sem pagar o dote sponsálico. O n'golo é capoeira (MOURA, 1980 p. 52).

Neste trabalho, optamos por seguir a teoria de que a capoeira foi criada no Brasil pelos escravos que vieram da África, portanto, a descrevemos como uma arte brasileira, com

fortes raízes africanas, mas que nasceu aqui devido a um determinado contexto, que será relatado a seguir.

Afim de entender melhor os movimentos históricos da capoeira, bem como sua representação social, alguns autores a dividem em períodos determinados:

Bruns (2000 apud REIS, 1993) aponta a existência de três:

- criminalização: final do séc.XIX, época da perseguição da capoeira, primeiramente como contravenção penal (começo do séc. XIX até 1889) e depois proibida oficialmente (até a década de 1930).
- Legalização: década de 1930
- Institucionalização como esporte oficial: década de 1970

VIEIRA (1998), em seu livro “O jogo da capoeira”, divide seu estudo em outros três períodos:

- A “idade ouro” da capoeira: agrupando os fragmentos que reconstituem o **ethos** da Capoeira Angola do passado.
- A capoeira regional de Mestre Bimba: caracterizando Mestre Bimba como o principal agenciador de mudanças na capoeira até hoje.
- A atualidade da capoeira: fortemente marcada pela descaracterização.

Nesse estudo, dividimos esse desenvolvimento histórico em:

- escravidão: séc. XVII até 1889.
- marginalização: 1889.
- Academias: 1930.

Faremos ainda uma análise da capoeira na atualidade.

Durante o período da escravidão no Brasil, que durou do séc. XVI ao séc. XIX, milhares de escravos foram trazidos da África pelos portugueses, em condições subumanas nos navios negreiros e submetidos a trabalhos forçados e maus-tratos nas plantações de cana-de-açúcar (KOSHIBA, 1993).

Os africanos trouxeram consigo uma enorme bagagem cultural e, diante de tanto sofrimento: dançar, batucar, rezar e cantar era o refúgio que aliviava a dor da escravidão e era também uma forma de resistir a essa exploração.

Moravam em senzalas, tipo de barracão que ficava longe da casa-grande, para que os senhores não sentissem seu cheiro e nem ouvissem suas tristes canções. Era nesse ambiente que os escravos, através do disfarce de cantigas e danças mantinham suas crenças e ritos, como a mais inocente forma de diversão e mantinham também o sentimento pela libertação, que sempre esteve presente. (ADORNO, 1987).

A capoeira adaptou-se a essa realidade, pois os movimentos de corpo dos africanos, originários de suas danças, serviram não só como uma brincadeira, mas também para manter sua identidade cultural africana e servir-se de sua movimentação como defesa (BURIHAN, 2003).

Muitos negros não aceitavam passivamente essa condição de escravo. A rebeldia assumiu várias formas: suicídio (inclusive coletivo), banzo, a chamada saudade da terra natal, que deixava o escravo semimorto; homicídios, praticados contra os brancos que representavam a dominação; e as fugas, individuais e coletivas.

Os escravos fugiam e se agrupavam em quilombos no meio das matas, que eram verdadeiras cidades de escravos fugidos, instaladas em lugares estrategicamente ocultos (KOSHIBA, 1993).

Os registros mais antigos apontam a existência da capoeira desde o séc. XVII, à época das invasões holandesas no nordeste (VIEIRA, 1998).

Aproveitando-se da confusão que se estabelecera, milhares de escravos começaram a fugir de seus senhores, agrupando-se nas fraldas da serra da Barriga, em Alagoas. O número de fugitivos chegou a 20000, sua república ficou conhecida como Quilombo dos Palmares (MARINHO, 1981).

Os negros de Palmares faziam incursões às fazendas e povoados mais próximos, onde cometiam grandes depredações. Como o perigo cresceu, o governador Francisco Barreto de Menezes mandou uma expedição para exterminá-los. (MARINHO, 1981)

Os negros derrotaram sucessivamente 24 expedições, apesar de suas armas primitivas e improvisadas.

Essas expedições eram chefiadas pelos capitães-do-mato, que eram escravos contratados pelos senhores ou pelo governo para capturar escravos fugidos, suas ações eram muito violentas.

O capitão-do-mato era odiado pelos escravos. A negação de sua origem negra e escrava se revelava através das roupas que usava - que o aproximavam do branco – e de suas atitudes de repressão em relação ao negro. (KOSHIBA, 1993)

Em 1687 foi organizada uma expedição com 7000 homens bem armados e equipados, comandados por Domingos Jorge Velho e que, após 10 anos de combate, conseguiram derrotar Palmares. Conquistaram as terras, mas o número de escravos capturados foi pequeno, pois muitos preferiram o suicídio a ter que voltar a escravidão.

Essa incrível resistência do negro se dava pela sua destreza física, agilidade corporal, movimento de braços e pernas e tronco, que lhe davam uma superioridade no confronto corporal. (MARINHO, 1981)

Desde o início da colonização até meados do séc. XIX, era de interesse dos administradores coloniais e donos de escravos, permitir as manifestações culturais negras, não só como válvula de escape para as tensões inerentes à escravidão, mas principalmente para acentuar as rivalidades tribais, que não eram tão fortes a ponto de, por exemplo, provocar guerras entre os grupos, mas ainda assim existiam. Era dividir para reinar. (Capoeira, 1992).

Entretanto, nesse espaço – permitido porque inofensivo dentro da perspectiva branca – os negros reviviam clandestinamente os ritos, cultivavam deuses e retomavam a linha do relacionamento comunitário, então, em meados de 1810, os cultos negros começam a ser praticados abertamente e em seu próprio espaço, apesar das perseguições policiais e católicas.

O Estado brasileiro e a comunidade branca passam de uma posição de consentimento para a repressão dessas mesmas manifestações, eles passam a temer não o negro como grupo militar armado, mas o negro individualizado, os pequenos

grupos, que passam a ser encarados como aglomerados criminosos (CAPOEIRA, 1992 Apud SODRÉ, 1978).

É muito provável que a capoeira tenha surgido nesse contexto; das senzalas, das fugas dos escravos e dos quilombos brasileiros. Não há indicações seguras de que ela, tal qual a conhecemos no Brasil ainda hoje, tenha se desenvolvido em qualquer outra parte do mundo (REIS, 1997).

O que dificulta a elucidação do processo que levou a capoeira do campo para as cidades é o fato de não existirem pesquisas históricas desse período (séc. XVI ao séc. XVIII)

As primeiras referências históricas dos capoeiras urbanos datam do começo do séc. XIX, neste período, os três principais centros históricos da capoeira eram as cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Carlo Eugênio Líbano Soares, em seu livro *A Capoeira Escrava*; através de registros de prisões do começo do séc. XIX, no RJ, nos dá uma idéia do significado que a capoeira tinha naquela época.

A capoeira representava uma parcela importante dos motivos de prisões de escravos, apesar de não ser, logicamente, o único. Roubos, fugas, conflitos com policiais e com outros escravos estavam entre as modalidades de crimes mais freqüentes (SOARES, 1994 p. 60).

No período compreendido entre as primeiras décadas e a metade do séc. XIX, a capoeira parece configurar-se como uma atividade eminentemente escrava. Se observarmos o conteúdo dos decretos que punem os capoeiras, publicados entre 1821 e 1834, veremos que três deles aludem explicitamente aos “escravos capoeiras”, outros três referem-se ao castigo dos açoites, normalmente aplicado aos escravos; por fim, os outros quatro decretos pedem providências sobre “negros chamados capoeiras” (5 de novembro de 1821), “pretos capoeiras” (17 de abril de 1834), “capoeiras e malfeitores” (27 de julho de 1831), há uma nota explicativa neste decreto esclarecendo que “capoeiras” era a designação dada aos negros que “viviam no mato e assaltavam passageiros” (REIS, 1997)

Apesar de ter se tornado um crime com o código penal de 1890, já sofria repressões desde o começo do séc. XIX, com a profusão de vários decretos e portarias que visavam coibir sua prática.

Analisando ainda os primeiros registros de prisões do séc.XIX, nota-se que os escravos compunham a esmagadora maioria daqueles vítimas da vigilância policial. Aparecem relatos de cabeçadas desferidas por negros contra rivais, dando indícios da presença da capoeira. São feitas também, referências a misteriosas casas de quilombo, onde africanos e crioulos se encontravam para trocas sociais ou que constituíam o refúgio dos cativos em fuga. (SOARES, 2002).

As praças abertas eram locais de predileção para os exercícios do “jogo”, onde tinham um amplo espaço e também facilitava as fugas.

Os capoeiras possivelmente eram figuras de destaque dentro da comunidade escrava na cidade, não apenas por suas habilidades marciais, mas pela qualidade de companheirismo e liderança.

Em geral, estavam agrupados em maltas (essa era a denominação policial para os bandos de capoeiras, também conhecidos como “partidos”, “casas”, “guaias”, “nações” ou províncias) e eram artesãos de ofícios variados, de sapateiros ou pedreiros. (SOARES, 2002)

A partir da segunda metade do séc XIX, a capoeira deixa de ser praticada exclusivamente pelos escravos. Com base nos Livros de Matrícula da Casa de Detenção do Rio de Janeiro entre 1860 e 1890, SOARES (2002), observa uma tendência a generalização da capoeira entre livres e libertos e observa também a presença de brancos, principalmente imigrantes portugueses, nas maltas de capoeira.

Em 1860, o tráfico negreiro para o Brasil já havia sido proibido. A lógica do sistema econômico mundial e brasileiro impunha a substituição do negro pelo trabalhador imigrante, e isso gerava uma inevitável situação de marginalidade. As condições de vida dos imigrantes portugueses pobres (que compunham a maior parte dos estrangeiros da cidade) e da população negra e mestiça do Rio era semelhante, esse fato contribuiu para o ingresso de portugueses às maltas.

A respeito destas, REIS (1997), cita Mello Moraes Filho (1980), que caracteriza as maltas como:

“... grupos de vinte a cem, que, à frente dos batalhões, dos préstitos carnavalescos, nos dias de festas nacionais, provocam desordens, esbordam, ferem...” (REIS, 1997, p.70).

A partir da década de 1870, a capoeira não estava mais restrita a negros e pobres, estendendo-se também aos brancos pertencentes a grupos mais influentes. Aos poucos ela foi se envolvendo com a vida política e chegou a ser amplamente utilizada como arma na luta entre as facções que se enfrentavam nos tempos do Império e nos primórdios da República, sobretudo nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Paulo.

As duas maltas mais famosas, Nagoas e Guayamuns, garantiam a sobrevivência frente às intempéries políticas do Segundo Reinado. Os capoeiras eram protegidos pelos chefes políticos, em troca de serviços prestados por ocasião das eleições (BRUHNS, 2000).

De fato, as maltas de capoeiras ficaram famosas no Rio de Janeiro da passagem do século, destacando-se por serem grupos com grande organização e respaldo junto aos líderes políticos da época. Sua atuação na política foi importantíssima, dissolvendo comícios, fazendo segurança de políticos importantes, “emprenhando urnas” e coagindo eleitores. Era o preço pago para que se mantivesse um certo grau de impunidade (VIEIRA, 1998).

As façanhas dos capoeiras se tornaram notáveis, por ocasião da Guerra do Paraguai, muitos deles foram enviados para a frente de batalha e lá se fizeram heróis, portadores que eram de grande sangue frio, audácia e coragem. (MARINHO, 1981).

Ao longo de todo o século XIX, a capoeira foi constantemente perseguida, conforme atestam as numerosas portarias que visavam coibir sua prática, não obstante, os documentos mostram que ela foi tolerada durante todo o período imperial. Existindo como contravenção penal até 1890, será criminalizada apenas sob o recém- instaurado regime republicano. Esse duplo caráter da repressão ao capoeiras, ora parecendo

buscar sua eliminação, ora visando seu aliciamento como “aliados ocasionais de interesses políticos”, é observado por Soares (2002).

Após a proclamação da República, inicia-se uma nova fase de perseguição à capoeira. Organizado o Ministério, o Marechal Deodoro mandou chamar Sampaio Ferraz, tribuno revolucionário que por várias vezes se dirigira aos batalhões, e lhe entregou o importante cargo de chefe de segurança pública.

Deodoro desejava extinguir a capoeiragem no Rio de Janeiro e Sampaio Ferraz prontificou-se a levar a termo a incumbência, desde que lhe dessem carta branca para agir e, de modo algum, interferissem nas suas diligências (MARINHO, 1981).

Em 11 de outubro de 1890, foi promulgada a LEI nº 487, de autoria de Sampaio Ferraz, que proibia a prática da capoeira e previa punição de 2 a 6 meses de trabalho forçado na ilha de Fernando de Noronha. No artigo 402, que tratava “Dos vadios e capoeiras”, lia-se: “Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordem, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal. Pena: prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único: é considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes e cabeças se imporá a pena em dobro” (ADORNO, 1987).

Como não eram apenas os negros e mestiços que praticavam a Capoeira, a lei acabou atingindo pessoas da nobreza. Rara era a família importante que não tivesse um parente preso. Exemplo disso foi o conhecido caso de José Elísio dos Reis. Seu pai era o conde de Matosinhos, proprietário do jornal O País. Conhecido de todos como praticante da Capoeira, Juca Reis, antes da aprovação da lei estava em Portugal. Quando retornou ao Brasil foi preso por Sampaio Ferraz. A sua liberdade foi conseguida graças à influência de Quintino Bocaiúva, ministro das Relações Exteriores no primeiro governo republicano brasileiro. Quintino ameaçou renunciar ao cargo se Juca Reis não fosse liberto. Após muitas discussões nas sessões do Conselho de Ministros de 12 a 19 de abril de 1890, Juca Reis foi cumprir pena em Fernando de Noronha e em seguida foi deportado. O ministro Bocaiúva foi dissuadido de sua renúncia (ADORNO, 1987).

A partir daí, a tendência foi o desaparecimento dos capoeiras cariocas. A redução foi muito grande, Sampaio Ferraz deportou grande número de capoeiras que existiam no Rio de Janeiro, mas não conseguiu extinguir a capoeiragem, que resistiu, fugiu para os morros, deixando as ruas da cidade, tornando-se mais civilizada. O desaparecimento definitivo dos Guayamuns e dos Nagoas ocorreu durante essa repressão de 1890.

Em Recife, no início do século XX, ainda se viam maltas de capoeira agindo como cabos eleitorais, capangas ou secretários de grandes figurões.

“Quando as bandas militares saíam à rua, “os moleques de frente de música” abriam passagem à custa de rasteiras e cabeçadas, ao mesmo tempo que defendiam os bombos das navalhas dos capoeiras de outras facções, pois um dos principais divertimentos ou maior afronta possível consistia em rasgar á navalha o bombo de uma banda de música. E, quando isto acontecia, o conflito estalava com a maior violência.” (MARINHO, 1981 p. 93).

O fim das maltas do Recife se deu em meados de 1912, coincidindo com o nascimento do frevo, legado da capoeira. As bandas rivais do Quarto batalhão e da Espanha (Guarda Nacional) desfilavam no carnaval pernambucano protegidas pela agilidade, pela valentia e pelas facas dos capoeiras. A polícia foi acabando paulatinamente com os moleques de banda de música e seus líderes (CARNEIRO apud CAPOEIRA, 1992).

Como no Rio de Janeiro, em Salvador a figura do capoeira era associada ao marginal. Embora o grau de organização em grupos ou maltas, assim como sua utilização em pugnas eleitorais, tenha sido significativamente menor, o capoeira baiano construiu uma forte tradição, muito lembrada nas cantigas de capoeira da atualidade. Envolviam-se invariavelmente nas confusões surgidas nos locais freqüentados por bandidos, prostitutas e outros delinqüentes (VIEIRA, 1998).

Segundo Waldeloir Rego, “O Cais Dourado, no fim do século passado, se tornou famosíssimo pelo excesso de desordens e crimes que ali se praticavam, sobretudo por

ser zona de meretrício e para lá convergirem, além dos capoeiras, marinheiros, soldados de polícia e delinqüentes” (REGO, 1968).

Em 1920, o famoso chefe de polícia de Salvador, Pedrito de Azevedo Gordilho, perseguiu não só as rodas de capoeira, mas também o samba e o candomblé (CAPOEIRA, 1992).

A trajetória carioca, pernambucana e baiana diferiu uma da outra. No Recife, os “moleques de banda de música” foram extintos por volta de 1912. No Rio de Janeiro, as maltas vão sendo extintas após a República, sobrevivendo apenas o capoeira malandro e marginal, que possuía inclusive, representantes nas camadas sociais privilegiadas.

Em Salvador, a capoeira, além de ficar restrita às comunidades pobres da periferia, tinha um fio condutor ligado à religião e, embora também tenha sido perseguida, sobrevive a esta época. Ela permanecerá na ilegalidade por cerca de meio século, deixando de se constituir um crime perante a lei apenas na década de 1930.

Luis Renato Vieira, em seu livro “ O jogo de Capoeira – Cultura Popular no Brasil.”(1998), através de depoimentos de alguns dos mestres de capoeira mais velhos da Bahia, conseguiu relatos preciosos que ajudaram a desvendar o universo da capoeira da primeira metade do século XX.

Ao lembrar das rodas de capoeira desta época em Salvador, os velhos mestres citam uma série de nomes famosos, que conheceram ou que foram contemporâneos de seus mestres. São eles: Traíra, Cobrinha Verde, Onça Preta, Pivô, Nagé, Daniel Noronha, Aberre, Livino e outros. São inúmeras as cantigas que louvam esses nomes, mantendo esses capoeiristas vivos na memória coletiva da capoeira. (VIEIRA, 1998)

As rodas de capoeira aconteciam nas ruas e praças de Salvador e nas Festas de Largo, estas últimas, sempre foram palco das exhibições dos capoeiristas baianos. Algumas festas tradicionais como a Festa de Santa Bárbara, Festa da Boa Viagem, Festa da Conceição e Festa da Ribeira, reuniam os capoeiristas em rodas que iam de simples folguedo a lutas perigosas, em que ocasionalmente, surgiam armas como facas e navalhas (REGO, 1968).

O aprendizado da capoeira ocorria de maneira vivencial, no exercício prático do jogo da capoeira. O iniciante aprendia com os jogadores mais velhos, informalmente.

Vieira (1998) faz uma análise interessante:

... o jogo da capoeira aparecia integrado às práticas cotidianas das classes populares de maneira semelhante à “pelada”, o jogo de futebol informal de final de semana. Embora existissem os “cobras”, não havia uma rigorosa exigência do domínio da técnica do jogo, apenas o conhecimento do ritual da roda. Mesmo havendo os pontos tradicionais de reunião dos capoeiristas, qualquer ocasião em que eles se encontrassem era propícia à realização da roda (VIEIRA, 1998 p.69).

Antes de surgirem as academias de capoeira, não se exigia nenhuma indumentária especial para a sua prática, se jogava capoeira calçado e com a roupa do dia-a-dia. Nas rodas mais tradicionais, era costume por parte de alguns capoeiristas, trajarem refinados ternos de linho branco. A elegância do capoeirista era algo que chamava a atenção. A frase que diz que “capoeira que é bom não cai” também justifica esse cuidado para manter a roupa branca, pois o fato do jogador entrar numa roda e depois sair dela com a roupa limpa significa que ele é um hábil jogador (VIEIRA, 1998).

Apesar de todo um cuidado em manter os aspectos ritualísticos da roda, a capoeira era mal vista pela sociedade e pela polícia, que sempre entrava em atrito com os capoeiristas.

Em 1930, insatisfeito com o preconceito e a marginalização que envolvia a arte-luta brasileira, o baiano conhecido como Mestre Bimba(1900-1974) resolve criar uma variação da capoeira tradicional, que chamou de Capoeira Regional Baiana, ou simplesmente Capoeira Regional. A partir daí passou-se a chamar de Capoeira Angola a forma mais antiga.

Mestre Bimba estava preocupado com a eficiência combativa da capoeira que, segundo ele, vinha sendo perdida pela ação do turismo. A maioria dos capoeiristas de Salvador, à época, se envolvia com apresentações para turistas, o que fez com que a capoeira fosse se transformando em uma espécie de show acrobático, distanciando-se bastante de seu sentido original de luta. Bimba, que nos anos 30 já era conhecido por todo o nordeste como destacado lutador de ringue, resolve criar uma modalidade de capoeira que ao mesmo tempo resgatasse a combatividade da luta de libertação dos escravos e incorporasse diversas técnicas de outras lutas, inclusive o jiu-jitsu e o boxe (VIEIRA, 1997).

Assim, a capoeira de Mestre Bimba, embora preservando a movimentação e os antigos rituais, era uma luta mais agressiva, menos acrobática, com chutes mais altos e velozes.

Mas as inovações da Capoeira Regional não ficaram só no aspecto técnico, envolveram principalmente o campo pedagógico. Ou seja, Mestre Bimba percebeu que era necessário sistematizar o ensino da capoeira, que na época apenas ocorria informalmente, nas rodas de rua. Dessa forma, criou toda uma metodologia de ensino, que envolvia um Curso de Capoeira Regional, Cursos de Especialização, a Cintura Desprezada (conjunto de técnicas de agarramento e projeções) e Seqüências de Ensino (oito seqüências de golpes e contragolpes a serem praticadas em duplas, para fixação dos movimentos básicos da capoeira) (AREIAS, 1983).

Ele fundou, em 1932 a primeira academia de capoeira, com o nome de “Centro de Cultura Física e Capoeira Regional da Bahia”. Essa academia foi a primeira a receber autorização oficial para o ensino da capoeira, em 1937, ano da decretação do Estado Novo.

Com o surgimento da Regional houve uma grande polêmica no ambiente da capoeira, uma vez que muitos entenderam as inovações de Mestre Bimba como sendo uma descaracterização das tradições da luta.

Com Mestre Bimba a capoeira começa a ganhar espaço institucional na sociedade. O mestre teve apoio dos estudantes universitários de Salvador que contribuíram para a sistematização de suas idéias e para a formulação de seu método de ensino, Bimba ensinou capoeira em quartéis e chegou a apresentar uma roda de capoeira para o presidente Getúlio Vargas, em 1953 (VIEIRA, 1998).

No início da década de 40, havia no povo brasileiro uma verdadeira necessidade de se valorizar o país. Sob forte campanha de ação popular Getúlio Vargas, ditava as ordens meio que em um fascismo-tupiniquim, buscando e incentivando a eugenia nacional.

Com seus praticantes vencendo lutas realizadas por todo o Brasil em ringues muitas vezes montados em praças públicas. A capoeira lhe foi apresentada, como uma luta brasileira, e o que é melhor, notícias da época falavam a respeito de suas vitórias em confrontos com outras lutas marciais estrangeiras.

A arte-luta brasileira começa, portanto, a ser tratada como esporte nacional e surge, então, os primeiros estudos sobre sua utilização como método de defesa pessoal e ginástica. Em 1928, Annibal Burlamaqui publica **Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodizada e Regrada** (MARINHO, 1981).

Conforme já citado anteriormente, com o aparecimento de Mestre Bimba, iniciou-se a divisão do universo da capoeira em duas partes, em que uns se voltaram para a preservação das tradições e outros procuraram desenvolver uma capoeira mais rápida e direcionada para o combate. A expressão Capoeira Angola somente surgiu após a criação da Regional, com o objetivo de se estabelecer uma designação diferente entre esta e a capoeira tradicional, já amplamente difundida. Até então não se fazia necessária a diferenciação, e o jogo se chamava simplesmente capoeira (AREIAS, 1983).

A Bahia é, de fato, o berço do desenvolvimento recente da capoeira. Embora existam registros da antiga capoeiragem em diversas cidades brasileiras, foi de Salvador que partiram muitos capoeiristas para difundir a arte-luta pelo país, principalmente a partir dos anos sessenta (BRUNHS, 2000).

Em 1941, Mestre Pastinha, um famoso capoeirista da vertente Angola, funda o Centro Esportivo de Capoeira Angola em Salvador, com intenção de sistematizar o ensino da Capoeira Angola, pois nessa época, a Regional estava amplamente difundida, fazendo com que os angoleiros estivessem perdendo espaço. Foi ele que implantou o uso de uniformes dentro da Capoeira Angola, mais como uma forma de organizá-la.

Nesse período, foi significativo o desenvolvimento da capoeira no Rio de Janeiro e em São Paulo, quando a luta conquistou definitivamente a juventude das camadas médias da população, incorporando-se às atividades das academias e convivendo com as outras atividades marciais.

Com essa difusão, uma nova maneira de ver a capoeira vai sendo construída, com uma “reformulação” por parte dos grupos sociais envolvidos. No início dos anos sessenta, ao método de ensino de Mestre Bimba são acrescentados uma ginástica intensiva e treino sistemático de golpes, depois, surge um sistema de classificação por cordas coloridas(CAPOEIRA apud BRUNS, 2000).

Em 1972, a capoeira é oficializada como esporte pela Confederação Brasileira de Pugilismo, da qual foi desvinculada apenas em 1992, com a criação da Confederação Brasileira de Capoeira.

Hoje em dia, a capoeira está inserida nas escolas de 1º, 2º e 3º graus; fazendo parte da grade curricular das faculdades de Educação Física.

Ocorre também uma significativa valorização da capoeira no exterior, para onde muito capoeiristas têm ido desenvolver trabalhos com capoeira.

Também é significativo o trabalho de alguns grupos de Capoeira Angola, discípulos de Mestre Pastinha e outros mestres antigos, que procuram preservar a prática da capoeira, sem maiores inovações, com uma preocupação de mantê-la com seus traços originais, tanto em sua forma de tocar, como de jogar.

2.1 INDÚSTRIA CULTURAL

Nesse tópico será feito um breve embasamento teórico a respeito da indústria cultural.

Essa expressão foi utilizada inicialmente por Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895- 1973) na década de 1940.

A indústria cultural consiste na produção cultural como mercadoria, de acordo com os mesmos princípios de acumulação capitalista que regem a produção geral das mercadorias, tais como a exploração do trabalho mediante novas tecnologias; a subordinação do trabalhador ao ritmo da máquina e o parcelamento das funções. Nesse contexto, a cultura é produzida em série como produto “cultural” padronizado a ser comprado, vendido e consumido como qualquer bem perecível (ADORNO, 1978).

A produção cultural no seu sentido tradicional acaba se constituindo, freqüentemente, como uma forma de domesticar e aprisionar as pessoas, ludibriando-as com uma falsa liberdade que é deflagrada no caráter circular de algumas práticas sócio-culturais reificantes (CHAUÍ, 1999)

A democratização da cultura tem como precondição a idéia de que os bens culturais são direito de todos e não privilégio de alguns. Democracia cultural significa direito de acesso e de desfrute das obras culturais, direito à informação e à formação cultural, direito à produção cultural. O que a indústria cultural faz é o contrário, em lugar de difundir e divulgar a cultura, despertando interesse por ela, realiza a vulgarização das artes e dos conhecimentos (CHAUÍ, 1999).

A indústria cultural rende cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar. A mídia é o senso comum cristalizado que essa indústria devolve com cara de coisa nova.

Em todos os seus ramos, ela realiza, segundo cursos planejados (daí o termo indústria), produtos adaptados ao consumo das massas e que em grande medida têm em si produzidas as demandas para ele. Nesse processo as “massas” são elemento secundário, não medida, mas a ideologia da indústria cultural, fazendo com que o consumidor não seja seu sujeito, mas seu objeto (ADORNO, 1978).

A capoeira apresenta uma grande potencialidade de atender às demandas forjadas dessa indústria cultural, por ser uma manifestação de significativa riqueza cultural, que atende a todas as camadas da sociedade.

Algumas considerações a respeito da capoeira inserida na indústria cultural, serão feitas adiante.

2.2 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E INDÚSTRIA CULTURAL

Após percorrer o trajeto histórico da capoeira, serão verificadas algumas características que tenham vinculações com a prática do jogo e a maneira como essas características se modificaram, principalmente a partir da década de 30. Será analisada também a forte relação que a capoeira da atualidade tem com a indústria cultural, com base no nosso referencial teórico.

Embora não se tenham registros históricos de que a capoeira já existisse dentro dos quilombos, no século XVII, algumas habilidades que são próprias dos capoeiristas podem ser verificadas nessa passagem a respeito dos escravos quilombolas:

“O escravo se mostrava evidentemente superior na luta, pela agilidade, coragem, sangue frio e astúcia aprendidas ali, afrontando os bichos, as feras mais perigosas, lutando mesmo com elas, saltando valados, trepando em árvores as mais altas e desganhadas, para se acomodar nas suas frondes, pulando de umas às outras como macacos, onde as nuvens batiam. E tiravam partido disso tornando-se assim extraordinariamente ágeis e muito comumente um homem desarmava uma escolta, punha-a em desordem, fazendo-a fugir (MARINHO, 1981 p. 25).

Na primeira metade do século XIX, ainda no período da escravidão, a capoeira não tinha um caráter de jogo propriamente dito, ela era usada pelos escravos como uma arma de defesa e de sobrevivência, onde os movimentos corporais utilizados; como as pernadas, cabeçadas e pulos, eram muito úteis nos confrontos com a polícia, na hora das fugas e até mesmo na hora de promover algum ataque contra grupos rivais.

Nessa época, as ações dos capoeiristas, em sua maioria escravos, já se tornam conhecidas. Muitas prisões feitas nessa época tinham como motivo, simplesmente “ser capoeira”. As acusações eram de promover desordens, causar medo na população e de andar em grupos violentos que faziam o uso de navalhas. Esses grupos eram conhecidos pelo nome de maltas.

As prisões dos capoeiras começam a se tornar rotineiras e eles passam a serem vistos como marginais, desocupados e sofrem punições por acarretarem a “perturbação da ordem pública” (REIS, 1997).

Em 1870, a capoeira começa a ser praticada por pessoas pertencentes à parte mais abastada da população, e, como observado por Letícia dos Reis, em seu livro “O mundo de pernas para o ar – a capoeira no Brasil”:

“... a adesão crescente de brancos à capoeira ocorre no interior de um processo que oscila entre a repressão à capoeira, enquanto um instrumento de luta e resistência negra numa sociedade escravista, e a higienização da capoeira, através de sua apropriação como “esporte” e “expressão nacional” (REIS, 1997 p.77).

A prática da capoeira colocou em contato pessoas provenientes de diversas origens sociais, étnicas e nacionais, promovendo intensas trocas culturais entre ambas.

Mas é no meio dessas trocas entre grupos sociais diferentes que começam a aparecer interesses de civilizar a capoeira, na tentativa de transformá-la de símbolo étnico em símbolo nacional.

Para melhor caracterizar o universo do jogo da capoeira, vamos nos focar agora na cidade de Salvador, nas primeiras décadas do século XX, que é considerada o berço dessa arte, pois embora existam registros da antiga capoeiragem em diversas cidades brasileiras, foi de Salvador que partiram vários capoeiristas para difundi-la pelo país.

As rodas de capoeira aconteciam nas ruas e praças de Salvador e nas Festas de Largo. Nessa época já se observavam elementos que se fazem presentes até hoje, como o berimbau, o pandeiro, o agogô, o reco-reco, o atabaque, as cantigas e o ritual da roda (VIEIRA, 1998).

Em relação à dinâmica da roda, os capoeiristas formavam um semi-círculo, com dois jogadores abaixados ao “pé do berimbau” . O momento da abertura da roda se dava com uma ladainha que era cantada pelo mestre; esse canto de entrada tinha vários temas, como a vida de um capoeira famoso, sobre a escravidão, o cotidiano das camadas mais pobres, ou até mesmo um recado para alguém que se encontra na roda.

Logo em seguida vinha o canto de louvação e depois o corrido, que era quando se iniciava o jogo entre as duas pessoas que estavam no pé do berimbau.(Ibid.)

Apesar de os capoeiras estarem por diversas vezes envolvidos em confusão com a polícia, dentro da roda de capoeira o que predominava era um caráter de brincadeira, onde alguns elementos como malícia, agilidade, ritual e ausência da violência pode ser observada, preservando assim, o seu aspecto de brincadeira.

O aprendizado da capoeira ocorria de maneira vivencial, no exercício prático do jogo, o iniciante aprendia com os alunos mais velhos.

Antes de surgirem as academias de capoeira, não se exigia nenhuma indumentária especial para a sua prática, se jogava capoeira calçado e com a roupa do dia-a-dia. Nas rodas mais tradicionais, era costume por parte de alguns capoeiristas, trajarem refinados ternos de linho branco. A elegância do capoeirista era algo que

chamava a atenção, eles tomavam um cuidado grande para não sujar a roupa, mostrando que na capoeira não precisa haver contato corporal, explicando assim o fato de que dentro da roda de capoeira não havia violência. (VIEIRA, 1998).

Em 1930, Mestre Bimba, um capoeirista renomado, acrescenta elementos de outras lutas e cria a Luta Regional Baiana, que ficou conhecida como Capoeira Regional ou simplesmente Regional. Essa modalidade é mais agressiva, menos acrobática, com chutes mais altos e velozes. Os treinamentos envolviam combinações de chutes com golpes de mão, cabeça e cotovelo. As quedas, por desequilíbrio ou projeção, também eram muito importantes na Capoeira Regional.

Foi em 1932 que a capoeira, bem como uma série de manifestações populares é legalizada pelo presidente do Brasil na época, Getúlio Vargas.

Nessa época o Brasil passava por um momento de resgate dos ideais nacionalistas, não só a capoeira, mas também o samba, o futebol e tudo aquilo que poderia ser caracterizado como autenticamente nacional foi resgatado numa ampla ação ideológica junto às camadas populares.

“ As raízes populares, negras e contraculturais da Capoeira se perdem para dar lugar a uma Capoeira que “é sinônimo de educação, cultura, civismo e saúde”. (Pinatti e Oliveira Silva, 1984). Segundo esta visão, a prática da Capoeira, “além de diversão, relax para quem a pratica, ajuda a desenvolver o poder da vontade, a cultivar a cortesia, e patrocina a moderação da linguagem... (FRIGERIO 1989 apud Senna, 1980 p.13).

Nesse mesmo ano Mestre Bimba funda a primeira academia de capoeira do Brasil, com o nome de “Centro de Cultura Física e Capoeira Regional da Bahia”, passando a receber autorização oficial para o seu ensino em 1937.

Mestre Bimba sistematizou o ensino da capoeira, criando um “Curso de Capoeira Regional”, que tinha duração de seis meses a um ano, com aulas de uma hora, três vezes por semana. No curso o capoeirista aprendia a ginga, as oito Seqüências de Ensino e a Cintura Desprezada. Em todas as aulas, o iniciante treinava as seqüências e a Cintura Desprezada com um “formado”, que era como Mestre Bimba chamava o capoeirista que já havia concluído o curso (VIEIRA, 1997).

Inicia-se, assim, um processo de aceitação social da Capoeira, já que ela não é mais considerada uma prática de marginais, mas começa a ser valorizada como luta e também como uma tradição cultural baiana.

Junto com essa legitimação, ocorre também um processo de modificações da Capoeira. Sua prática diminui no ambiente que lhe deu origem, a rua e as festas de largo e passa-se a praticá-la em recintos fechados, escolas que servem como meio de vida para os mestres (FRIGERIO, 1989).

Um fator que contribuiu muito para essa nova caracterização foi o órgão municipal de turismo da Bahia, através dele, os capoeiristas se envolviam com apresentações para turistas, acrescentando à capoeira outros ingredientes e a transformando num show acrobático, muito distante do seu sentido original de luta. (VIEIRA, 1997)

Na década de 60, muitos capoeiristas baianos passam a migrar para São Paulo e Rio de Janeiro, dando início à várias escolas de capoeira pelo Brasil.

Em 1972 a capoeira é reconhecida como esporte, conforme portaria expedida pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC).

Surgem então os primeiros campeonatos, a introdução de cordas coloridas para classificar o “nível” do capoeirista e as primeiras tentativas de regulamentação.

Inicia-se o processo de esportivização da capoeira, que acarreta algumas mudanças em relação as suas características de jogo. Começam a serem incorporadas à capoeira algumas características das artes orientais, tais como, uniforme branco, prática de pés descalços, uso de cordões para classificar diferentes etapas do aprendizado, atitude séria e marcial durante os treinos e saudação ritual no início e fim da aula.

A capoeira se torna cada vez mais objetiva, buscando-se uma capoeira de alto rendimento, embasada nos conhecimentos científicos do corpo humano, que ajudam a alcançar um grau máximo de eficiência.(Ibid.).

A questão da malícia foi um dos aspectos que a capoeira da atualidade mais perdeu, dando lugar a velocidade, a força e aos movimentos acrobáticos.

O ritual da capoeira também perdeu bastante o seu significado, com exceção das academias mais tradicionais, que procuram preservar as raízes da capoeira, bem como

todo o conjunto de características que a envolve, o que se vê atualmente é uma reinterpretação dos rituais, ou a utilização destes sem um significado, como por exemplo, “pedir a benção do berimbau”, que hoje em dia substitui todo um gesto que invoca proteção por parte do capoeirista. A pessoa, antes de entrar no jogo, encosta a mão no berimbau, no chão e faz um sinal da cruz, como se fosse mais um elemento técnico do jogo.

Outras manifestações culturais da capoeira que podem ser analisadas não somente pelo jogo, mas também por outros aspectos é sua vinculação com a indústria cultural, injetada nos moldes do capitalismo.

Essa indústria cultural tem como forte característica a massificação da cultura, sugerindo uma reprodução de seus elementos.

A capoeira da atualidade se enquadra nesses moldes por ser uma prática cultural amplamente difundida pelo país e pelo mundo, que teve suas características iniciais modificadas, dando lugar a uma mercadorização de seus movimentos que, para poderem atender a demanda de “consumidores”, se moldam na medida em que essas mudanças sejam mais lucráveis.

Os batizados de capoeira, implantados por Mestre Bimba, hoje acontecem em torno de muito dinheiro, os alunos, para poderem realizar a troca de cordas, que caracteriza a mudança de graduação do capoeirista, têm que pagar quantias em dinheiro para que essa troca aconteça.

Em algumas academias, além de pagar a mensalidade, o aluno tem que pagar por cada falta que tiver, tem que pagar pelo uniforme, mas esse, só pode ser comprado de seu professor, que detém o único direito de vendê-los.

Hoje o que se observa em torno da capoeira é um mercado em ampla expansão. Na Bahia, o berimbau, instrumento símbolo da capoeira, é vendido em cada esquina, dificilmente uma pessoa que vai passar férias em Salvador não volta com um berimbau a “tiracolo”. Até as cabines telefônicas da cidade são em forma de berimbau.

Essa massificação no mundo da capoeira pode ser observada também num elemento de seu jogo, que é a “chamada”, onde um capoeirista testa o outro, postando-se parado, como se estivesse convidando o outro para “dançar”. Tem todo um jeito certo de entrar nessa “dança”, pois é uma ação altamente maliciosa por parte do

capoeirista que está “testando”. O que se observa é que muitos capoeiristas não conhecem esse significando, usando a chamada com outros objetivos, como para descansar, ou o que é pior, usando sem objetivo nenhum, o movimento pelo movimento.

Um aspecto muito importante da capoeira que vem perdendo seu significado é o ritualístico. O berimbau, considerado um instrumento “sagrado” dentro da roda, hoje em dia é tratado como se fosse um instrumento qualquer, sendo guardado até mesmo no chão.

Antigamente, quando os capoeiristas se encontravam no “pé do berimbau” no início do jogo, faziam movimentos que invocavam proteções, cada um da sua maneira. Hoje o que acontece é que muitos capoeiristas fazem o sinal da cruz antes de entrarem para jogar, como se essa ação fosse apenas mais um elemento técnico do jogo.

Ainda a respeito do berimbau, embora se acredite que ele não tenha sido o primeiro instrumento a ser incorporado na capoeira, sem dúvida é o instrumento-símbolo dela, sua importância é tal, que ele tem a capacidade de absorver as energias da roda, chegando mesmo a ter o seu arame arrebitado quando algo está desconectado na roda, como por exemplo a presença de algum visitante que esteja “mal intencionado” querendo “bagunçar” o bom andamento da roda.

Mas hoje, com exceção de alguns grupos que têm sob seu comando, mestres que preservam todos esses aspectos que a capoeira possui, o que se observa é que o berimbau não tem tanta importância. A capoeira é candidata de virar modalidade das olimpíadas, mas para isso, os jogos seriam realizados com sons mecânicos, sem a presença de instrumentos musicais.

Assim, alguns novos significados vão sendo criados e, nesse sentido, a mídia tem contribuído muito para essa descaracterização, ao publicar imagens de pessoas musculosas praticando capoeira, sugerindo sua prática como um esporte de alto rendimento, onde o que vale mais é o tamanho do músculo do praticante, não sua inteligência, malícia e desenvoltura.

. Apesar disso tem se visto um trabalho de alguns grupos de capoeira da atualidade no sentido de resgatar as raízes da capoeira e de não deixar que ela se deturpe ainda mais.

3.0 CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou analisar alguns aspectos relevantes para os caminhos que a capoeira vem tomando, com uma transformação de seus significados.

O que foi observado é que, na medida em que ela foi ganhando espaço na sociedade, alguns elementos que a caracterizam foram mudando de significado.

A malícia, o caráter de brincadeira, a teatralidade, a questão ritualística, entre outros, são elementos que fazem com que a capoeira seja uma rica expressão artística da cultura afro-brasileira.

Esses elementos estão se modificando cada vez mais, resultando numa esportivização da capoeira, o que a afasta de suas características tão importantes

Associando ainda o fato de ela estar inserida na indústria cultural da atualidade, que tende a produzir uma cultura de massas, submetida ao império do consumo, a capoeira acaba sendo tratada como um “produto” altamente rentável a ser comercializado.

Daí a importância de se preservar a tradição da capoeira, com todos os seus rituais, para que ela não vire mais um instrumento de manobra sob o comando dessa indústria do consumo.

Apesar disso tem se visto um trabalho de alguns grupos de capoeira no sentido de resgatar as raízes da capoeira para preservar suas características.

REFERÊNCIAS

ADORNO, C. **A Arte da Capoeira**. Goiânia.GO: Editora Kelps, 1987

ADORNO, T.W. HORKHEIMER,M. **A indústria cultural**. In: COHNN, Gabriel(Org.) Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Edusp,1978.

AREIAS, A. **O que é capoeira**. São Paulo,Sp: Editora Brasiliense, 1983.

BRUNHS, H. **Futebol, carnaval e capoeira**: entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas. SP: Editora Papirus, 2000.

BURIHAN, S. **Capoeira Angola**: um jogo, uma brincadeira de roda. Caraguatatuba. SP:Faculdades Integradas Módulo,2004.

CAPOEIRA, N. **Capoeira**: os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Àtica,1999.

FRIGERIO, A. **Capoeira**: de arte negra a esporte branco. Revista Brasileira de Ciências sociais. Rio de Janeiro.1989

KOSHIBA,L. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Atual,1993.

MARINHO, I. **A ginástica brasileira**. Brasília. 1981.

MOURA, J. **Capoeira e Malandragem**. Cadernos de Cultura. Salvador. 1980.

REGO, W. **Capoeira Angola - um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Editora Itapuã. 1968

REIS,I **O mundo de pernas para o ar**: a capoeira no Brasil,São Paulo, Editora Publisher, 1997

SOARES, C. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro**. Campinas, SP. Editora Unicamp. 2002

VIEIRA, L.R. **O Jogo da Capoeira** – Cultura Popular no Brasil.